

JOSELITA ROMUALDO DA SILVA

Gestão democrática da escola pública: o Conselho de Classe e a concepção de ensino/aprendizagem e de avaliação

Projeto de pesquisa apresentado para obtenção do título de Especialista no Curso de Pós-Graduação em Organização do Trabalho Pedagógico do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

2009

Dedico este trabalho a todos os professores que com compromisso e empenho lutam constantemente por uma educação pública de qualidade que esteja a serviço do povo, mas principalmente aqueles que da melhor forma possível fazem a diferença no processo de ensino/aprendizagem de seus alunos.

Agradeço a Deus, pela vida, bênção e proteção.
Aos meus pais, José e Maria, por todos os momentos da minha vida.
Aos professores, alunos, equipe pedagógica e equipe de direção da escola investigada que colaboraram para a concretização deste trabalho.
À minha orientadora, Sônia Guariza Miranda que tanto contribuiu para minha formação e que tão solícitamente aceitou-me como sua orientanda.
À todos meus amigos e amigas que sempre me apoiaram nos momentos mais difíceis da minha vida.

Que os nossos esforços
Desafiem as impossibilidades
Lembrai-vos de que as grandes proezas,
Foram sempre conquistas
Daquilo que parecia impossível
Charles Chaplin

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar e refletir sobre como acontece o Conselho de Classe em uma escola Estadual no município de Piraquara e de que forma este interfere no processo de ensino/aprendizagem e no processo de avaliação dos alunos. O procedimento de pesquisa adotado foi o estudo de caso tendo como fonte a pesquisa de campo. No estudo de campo foi realizada entrevista estruturada como grupo focal com os alunos, questionários para professores, equipe de direção e equipe pedagógica. A realização deste estudo permitiu analisar e refletir sobre como está acontecendo o Conselho de Classe no interior da escola e de que forma ele expressa as concepções de ensino e aprendizagem e avaliação que estão presentes no imaginário desses. Os dados coletados após analisados permitiram também refletir sobre outras maneiras de estruturação do Conselho de Classe tendo em vista uma perspectiva emancipatória e que sirva para o redimensionamento da prática docente.

Palavras-chave: Conselho de Classe. Ensino-aprendizagem. Avaliação. Relação professor-aluno.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
1.1 INTRODUÇÃO	1
1.2 JUSTIFICATIVA	4
CAPÍTULO II	6
2.1 REVISÃO DE LITERATURA: APONTANDO	
CAMINHOS TEÓRICOS	6
2.1.1 O Conselho de Classe e a democratização do ensino.....	6
2.1.2 O Conselho de Classe e uma outra perspectiva.....	12
CAPÍTULO III	17
3.1 PESQUISA DE CAMPO	17
3.1.1.1 Objetivo da pesquisa	17
3.1.1.2 Objetivo Geral	17
3.1.2 Objetivos Específicos	17
3.1.3 Metodologia	17
3.1.3.1 Procedimentos de Pesquisa	17
3.1.3.2 Instrumentos de coleta de dados	18
3.2 CONTEXTO PEDAGÓGICO: O CENÁRIO OS COLABORADORES DO	
ESTUDO	19
3.2.1 Apresentação dos dados	19
3.2.2 Conselho de Classe: a realidade de um estudo de caso	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32
APÊNDICES	
ANEXOS	

CAPÍTULO I

1.1. INTRODUÇÃO

O Conselho de Classe, órgão colegiado que se reúne em média bimestralmente em muitas instituições de ensino, acontece algumas vezes apenas para atender questões burocráticas que em nada contribuem para a melhoria do ensino ou para a avaliação e/ou reflexão a cerca do trabalho desenvolvido na escola. É comum em reuniões de Conselho de Classe professores e equipe pedagógica reunirem-se simplesmente para citarem as dificuldades e insucessos dos alunos, como se isso fosse de responsabilidade dos mesmos ou ainda, para explicar a não aprendizagem através das características econômicas, familiares, físicas, ou psicológicas ou pelos hábitos de higiene do aluno sem colocar em foco o trabalho pedagógico desenvolvido pela escola e pelos professores.

Essa visão e prática de Conselho de Classe são extremamente perigosas e excludentes, principalmente quando vistas como meras constatações, ou seja, a situação sócio-cultural do aluno é levantada não para rever de que forma essa situação pode ser revertida, não para se discutir coletivamente para que serve a escola, qual sua função e a serviço de quem ela está, mas apenas para justificar as notas vermelhas que simbolizam o fracasso escolar, ou os altos índices de reprovação dos alunos.

Numa outra perspectiva de natureza emancipatória o Conselho de Classe é um órgão colegiado que pode contribuir muito para o repensar da prática educativa de todos os agentes inseridos no processo pedagógico, bem como, pode ser um importante momento de análise, reflexão, auto-avaliação e avaliação de todos esses membros que compõem o contexto escolar.

Nessa perspectiva o presente estudo teve como objetivos responder às seguintes questões.

1. Como é a prática de Conselho de Classe nas escolas públicas?
2. Em que concepção essa prática se fundamenta?
3. Como os agentes que participam desse momento (alunos, professores, pedagogos e diretores) vêem este conselho?
4. Qual o papel do Conselho de Classe para o processo de ensino-aprendizagem e avaliação que acontece no dia-dia escolar?

Como forma de se garantir uma visão de totalidade sobre a realidade presente no contexto escolar da instituição pesquisada foram estabelecidos procedimentos para ouvir e entender o que os educadores, alunos e equipe de direção e equipe pedagógica falam e pensam sobre o Conselho de Classe.

O procedimento de pesquisa adotado foi o estudo de caso tendo como fonte a pesquisa de campo que aconteceu em uma escola estadual do Município de Piraquara. Essa escola foi escolhida devido a sua prática de abertura do espaço para os pesquisadores, a equipe de direção e equipe pedagógica disponibilizou todo o material solicitado e instigou, juntamente com a pesquisadora os professores e alunos a participarem das entrevistas e questionários realizados.

Os dados coletados na pesquisa de campo foram analisados a partir das bases teóricas da Educação a partir de autores como Dalben (2004), Cruz (1995), Luckesi (2002), Rocha (1986), Garcia (2003), Guerra (2006) dentre outros autores críticos que muito contribuíram neste estudo para o repensar sobre o Conselho de Classe.

A forma de organização deste estudo envolveu os seguintes Capítulos: o Capítulo 1 apresenta uma breve introdução ao assunto, bem como a justificativa de escolha do tema de pesquisa, o Capítulo 2 mostra a intrínseca relação existente entre o Conselho de Classe, o processo de ensino/aprendizagem e a avaliação, esse Capítulo aborda também, a partir da bibliografia consultada, como acontece esse momento em muitas instituições de ensino e mostra o que algumas instituições estão fazendo para torná-lo mais verdadeiro e reflexivo tendo em vista a melhoria do ensino e da aprendizagem.

O Capítulo 3 trata da pesquisa de campo, ou seja, seu objetivo, seu contexto pedagógico e metodologia de pesquisa. Nesse Capítulo os dados coletados na pesquisa de campo são apresentados e analisados à luz da teoria que fundamentou o presente trabalho.

A realização deste estudo foi de extrema importância, pois a complexidade e seriedade do tema não podem ser relegadas a um segundo plano, muito menos podem ser tratadas a partir de uma visão ingênua e fragmentada, uma vez que a escola não pode fugir de sua função social que é a de garantir que todos os educandos se apropriem do conhecimento historicamente produzido pela

humanidade e se isto não está acontecendo cabe ao coletivo da escola buscar meios de fazer com que isso aconteça.

O presente estudo mostrou que muito precisa ser feito para que o Conselho de Classe se estruture como um importante meio de tomada de ações e decisões coletivas. No entanto, algumas ações já estão acontecendo como, por exemplo, a participação dos alunos nos Conselhos de Classe, onde estes podem falar dos anseios e das expectativas da turma como um todo.

1.2 JUSTIFICATIVA

Estudar, analisar e refletir sobre o Conselho de Classe é algo que há muito instiga e desafia muitos educadores, primeiramente, porque como um órgão colegiado ele acontece periodicamente nas instituições escolares, configurando-se como um momento oficial previsto no calendário escolar onde o coletivo da escola se reúne para discutir questões pedagógicas pertinentes ao processo de ensino-aprendizagem e avaliação.

Os professores, enquanto membros desse órgão colegiado, podem participar de vários Conselhos de Classe, dos mais variados tipos possíveis e imagináveis, desde aquele meramente burocrático, que é realizado para atender uma exigência legal, até aquele mais progressista e reflexivo que aponta como meta o redimensionamento da prática docente e o repensar sobre o processo de ensino-aprendizagem, o que vai distinguir um do outro é a concepção teórico-metodológica, o que não exclui processos ideológicos presentes no imaginário das pessoas que devem garantir que ele aconteça, ou seja, se a equipe pedagógica e equipe de direção não garantirem o foco das discussões no Conselho de Classe ou se não estabelecerem processos reflexivos continuados com o grupo de profissionais da escola esse momento acontecerá apenas de fachada, estabelecendo-se a impossibilidade de aprofundar reflexões sobre a real função deste espaço dentro da escola.

Os pedagogos por sua vez, enquanto agentes responsáveis pela organização do trabalho pedagógico desenvolvido na escola, ou vêm no Conselho de Classe um importante momento para promover o repensar de todo o trabalho que é desenvolvido na instituição, ou fazem dele mais um mero momento burocrático previsto no calendário escolar que deve ser cumprido.

A presente pesquisa vem, portanto, contribuir para o processo de reflexão teórico prática sobre a forma como acontece o Conselho de Classe nas escolas públicas, a partir da análise dos principais fatores que contribuem para esse diagnóstico como a concepção de ensino-aprendizagem, de avaliação e a concepção de homem e sociedade presentes no chão da escola, tomando como base de análise a realidade pesquisada.

Buscou-se dessa forma fazer possíveis apontamentos para a superação de práticas desarticuladas e desvinculadas da real função da escola que é a da democratização do ensino e mostrando novos caminhos para o repensar da educação.

CAPÍTULO II

2. 1. REVISÃO DE LITERATURA: APONTANDO CAMINHOS TEÓRICOS

2.1.1 O Conselho de Classe e a democratização do ensino

Segundo André (1990), o que se vê muitas vezes na escola é uma estrutura de poder extremamente centralizadora, exercida pelo diretor ou um representante próximo. Suas decisões são comunicadas aos professores, alunos e pais, sem que haja um processo de discussão, de análise ou de reflexão.

Esse tipo de atitude acaba por se refletir, então, na sala de aula, onde é o professor que costuma decidir a disposição dos alunos, como será usado o tempo da aula, aquilo que vai ser ensinado ou não e como será a avaliação.

Os alunos nessa situação aprendem que o conhecimento existe independente e externamente ao sujeito, que as pessoas que possuem esse conhecimento devem ser os responsáveis pelo poder de decisão de como aqueles conhecimentos podem ser usados, que as relações escolares são unilaterais e que o bom aluno é aquele que repete o que ouviu.

Assim, a escola não transmite apenas conteúdos, mas maneiras de ver e sentir o mundo, a realidade e o conhecimento.

Nessa perspectiva a escola enquanto aparelho ideológico do estado (Althusser) faz uso de diversos instrumentos para inculcar nos alunos a ideologia dominante. Um destes instrumentos é caracterizado pela avaliação que numa perspectiva conservadora é praticada como um fim em si mesmo.

Segundo Cipriano Luckesi (2002, p.18) “o nosso exercício pedagógico escolar é atravessado mais por uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino/aprendizagem”, assim as instituições escolares preocupam-se muito mais em preparar o aluno para passar no vestibular, passar em concursos, e/ou apenas passar de ano, usurpando-se assim, com tal concepção o lugar de destaque do ensino-aprendizagem no processo pedagógico com vistas à participação social consciente e crítica.

As provas por sua vez, são realizadas conforme o interesse do professor ou do sistema de ensino e servem como um instrumento de ameaça e tortura prévia do aluno; este passa a estudar o conteúdo não por que ele é importante para a sua

formação humana e intelectual ou porque o conteúdo é significativo e prazeroso, mas por que há a ameaça de uma prova e se ele não tiver um bom desempenho nesta não terá sua tão almejada aprovação para a série seguinte.

De acordo com Luckesi (2002) a prova gera medo e este por sua vez é um dos meios de coerção que geram a submissão social

O medo é um fator importante no processo de controle social. Internalizado, é um excelente freio às ações que são supostamente indesejáveis. Daí, o Estado, a Igreja, a família e a escola utilizarem-se dele de forma exacerbada. O medo gera a submissão forçada e habitua a criança e o jovem a viverem sob a sua égide. (LUCKESI, 2002, p.24)

Dessa forma a ansiedade e insegurança muitas vezes demonstradas pelo aluno na hora da prova nada mais são do que medo, medo de ser classificado e rotulado entre os demais, ou seja, se ele tirar uma boa nota recebe um rótulo positivo e passa a ser tratado com certo status dentro da sala, da escola e até na família, caso contrário, se ele tirar uma nota ruim é tratado por todos como um fracassado, é relegado a um conceito de estudante com uma mente inferior e que levará as marcas deste fracasso escolar para toda sua vida.

Essa violência contra o aluno é explícita e necessária para a manutenção da ideologia dominante, ou seja, a classe que detém o poder econômico e cultural tenta passar a idéia de que todos podem ser bons, todos podem tirar boas notas, no entanto, isto depende do esforço individual de cada um. Essa é uma forma perversa de se manter a ordem social tal qual ela é, sem críticas e sem questionamentos.

Essa avaliação com caráter fixo, imutável, que desvaloriza todo o processo de aprendizado do aluno e que se preocupa apenas com o produto deste aprendizado é discriminatória e expressa uma concepção simplista de homem, mundo e educação a qual se baseia nos mitos como o da deficiência cultural, dificuldades lingüísticas, desnutrição e falta de interesse, para justificar o fracasso escolar, ou seja, a não aprendizagem.

A forma como esta concepção está estruturada acaba legitimando a seletividade social, que já existe independente dela pela divisão de classes.

A avaliação, numa outra perspectiva pode ser emancipatória, uma avaliação que priorize a apropriação do conhecimento historicamente produzido pela humanidade, que priorize o refletir e o pensar sobre a realidade para transformá-la.

Com a função classificatória, a avaliação constitui-se num instrumento estático e frenador do processo de crescimento; com a função diagnóstica, ao contrário, ela constitui-se num momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação, do crescimento para a autonomia, do crescimento para a competência, etc. (LUCKESI, 2002, p. 35)

Para que isso ocorra é imprescindível que se implantem nas escolas espaços de reflexão, onde professores e equipe pedagógica possam analisar a sua prática pedagógica onde haja um momento de reflexão, avaliação e reformulação de processo de ensino-aprendizagem. A avaliação que ocorre nessas situações tem como por objetivo um caráter formativo, de melhoria, de aperfeiçoamento da prática escolar.

Assim, havendo a análise e reflexão entre equipe pedagógica e professores, esta reflexão também acontecerá na sala de aula, entre alunos e professores, propiciando um melhor entendimento das suas relações e dos próprios conteúdos que estiverem sendo ensinados. Dessa maneira, pode-se perceber que não há como o professor refletir sobre a sua prática se ele tem como base apenas a sua realidade, sem um referencial teórico que o oriente e o faça enxergar essa realidade sobre outra perspectiva. Assim como também é inviável o professor refletir sobre a sua realidade sem levar em consideração as questões estruturais de nível macro que tanto atingem de forma direta a educação como por exemplo, o sistema capitalista em que vivemos e a super valorização do consumismo e do individualismo presentes como idéias hegemônicas na sociedade.

Segundo Cruz, (1995, p. 113) “desenvolver processos que levem professores e alunos a serem sujeitos da história e agentes de transformações sociais são alguns dos objetivos do processo educativo com o qual muitas escolas estão comprometidas, pelo menos em discurso, e são, também, portanto, objetivos do processo de avaliação, do qual o Conselho de Classe faz parte”.

Busca-se um processo de avaliação que auxilie o aluno no processo de aprendizagem significativa e não uma avaliação para a promoção. Deseja-se que o aluno APRENDA – e a avaliação é um dos aspectos, desse processo de aprendizagem. A PROMOÇÃO é uma decorrência do processo de aprendizagem. (CRUZ, 1995, p.113).

Essa nova visão de avaliação coloca em cheque toda a estrutura educacional e exige dos agentes envolvidos no processo educativo o redimensionamento da sua prática. Cruz, (1995, p.116) explicita que “o Conselho de Classe pode ser um momento de transformação da cultura escolar sobre avaliação e,

conseqüentemente, da prática da avaliação em sala de aula". Perde, portanto, o seu caráter de discutir apenas casos de alunos indisciplinados ou com dificuldades de aprendizagem.

Assim, o Conselho de Classe: é o momento e o espaço de uma *Avaliação diagnóstica* da ação pedagógico-educativa da escola, feito pelos professores e pelos alunos (em momentos distintos, às vezes), à luz do Marco Operativo da Escola. (CRUZ, 1995, p. 117)

Nessa perspectiva, o Conselho de Classe deve caracterizar-se como uma instância coletiva, ou seja, um espaço onde o professor em conjunto com a equipe pedagógica possa avaliar o trabalho que está sendo desenvolvido na escola como um todo e como esse trabalho se reflete na aprendizagem do educando, buscando soluções conjuntas que permitam redimensionar a prática pedagógica de forma a garantir a aprendizagem com qualidade para todos os alunos. Para Dalben (2004), o Conselho de Classe deve ser considerado

(...) a mais importante de todas as instâncias colegiadas da escola pelos objetivos de seu trabalho, pois é capaz de dinamizar o coletivo escolar pela via da gestão do processo de ensino, foco central do processo de escolarização. (DALBEN, 2004, p.57)

Assim esse importante momento de análise e reflexão do trabalho pedagógico não pode se desviar da sua verdadeira função que é discutir questões relacionadas a aprendizagem e ao ensino. Estes por sua vez não estão desvinculados da concepção de homem, mundo e sociedade defendidos pela instituição escolar, dessa forma as discussões e reflexões que ocorrem no Conselho de Classe não são neutras, da mesma forma como não há neutralidade nas demais questões e tomadas de decisões que existem na sociedade como um todo.

No entanto, para que o processo de aprendizagem seja o foco do Conselho de Classe, Dalben, aponta que:

(...) é fundamental que tanto a equipe pedagógica quanto os professores da escola estejam atentos aos rumos dados às relações sociais presentes na organização de todo o trabalho escolar. Dependendo do tipo de relação pedagógica estabelecida entre os sujeitos e sua prática, assim como do conhecimento que se produz nessa relação, os rumos dessa instância seguirão os caminhos da construção crítica e democrática da escola ou, ao contrário, permanecerão reproduzindo uma cultura escolar apegada ao autoritarismo, à seletividade e a exclusão social. (DALBEN, 2004, p.57)

O Conselho de Classe enquanto instância coletiva pressupõe por sua vez a participação dos diferentes atores que atuam no contexto escolar como os pais de alunos, professores, equipe diretiva, equipe pedagógica e demais profissionais da escola. Afinal, todos esses segmentos têm como característica principal de sua atuação zelar pela formação das novas gerações, ou seja, garantir a humanização do aluno, levando-o a apropriação do conhecimento historicamente produzido pela humanidade, assim como todos esses profissionais se relacionam com esse aluno de diferentes formas, educando-o e percebendo os seus avanços e o que deve ser melhorado na sua formação.

Nesse sentido, acreditando numa concepção de aprendizagem dialética, ao mesmo tempo em que essas pessoas interagem e interferem na aprendizagem do aluno elas também sofrem interferência na sua aprendizagem. O aluno por vez, numa perspectiva democrática, também deve participar do momento de Conselho de Classe, pois é um sujeito de direito que deve ser ouvido e valorizado, aprendendo assim desde a mais tenra idade, como participar ativamente das formas de decisões coletivas com senso crítico, autonomia e responsabilidade.

Entretanto, sem ilusões, esta participação do aluno no espaço do Conselho de Classe deve ocorrer com vários cuidados prévios por parte da equipe pedagógica da escola, sob pena deste aluno ser penalizado com o exercício do poder por segmentos do corpo docente que podem não estar preparados para serem colocados em evidência em suas práticas pedagógicas inadequadas através dos depoimentos de alunos. Assim, podem ser geradas formas de retaliação e autoritarismo se a situação não for amadurecida entre todos. Experiências em diversas equipes escolares têm sido possíveis com a participação dos estudantes em pré-conselhos onde as turmas em conjunto com as pedagogas da escola elaboram suas pautas de dificuldades para serem analisadas pelos professores e demais participantes do Conselho de Classe, mas sem a participação direta dos alunos.

Assim,

Na gestão democrática todos são chamados a pensar, a avaliar e agir coletivamente, diante das necessidades apontadas pelas relações educativas, percorrendo um caminho que se estrutura com base no diagnóstico das dificuldades e necessidades, e do conhecimento das possibilidades do contexto. Nesse trajeto, a equipe de profissionais vai traçando os objetivos

que nortearão a construção das ações cotidianas, encontrando sua forma original de trabalho. Essa travessia permite a cada escola a construção coletiva de sua identidade. (DALBEN, 2004, p.56.)

Para Guerra (2006, p.12) “a participação ajuda a construir uma avaliação colaborativa, diminuir ansiedades, angústias e construir bases democráticas dentro da instituição escolar. Nessa perspectiva ela ainda aponta que

Durante o conselho de classe, todos os participantes devem avaliar os alunos de forma colaborativa. Sendo assim, faz-se necessário uma constante negociação de sentidos entre os participantes para que todos verbalizem as suas experiências, concordâncias e discordâncias relacionando seus pensamentos, seus paradigmas aos discursos dos outros e vice-versa. (GUERRA, 2006, p. 10).

Essa questão da participação do coletivo no Conselho de Classe não é novidade e nem algo recente, pois Rocha, a mais de duas décadas é taxativa ao afirmar que

(...) grande parte da importância do Conselho de Classe está em suas características de participação, a tal ponto que quão maior for a participação por ele promovida, mais efetiva será a sua força de atuação e, da mesma maneira, à medida que deixa de ser um processo participatório, deixa de caracterizar-se como um Conselho de Classe. (ROCHA, 1986, p.11)

Dessa forma todos os membros que compõem o Conselho de Classe têm um papel importante, pois é a multiplicidade de idéias e pensamentos que possibilita as pessoas olharem uma mesma situação de diferentes ângulos, propiciando assim uma melhor compreensão dos problemas ou necessidades diagnosticados.

Outra característica fundamental do Conselho de Classe é o seu caráter redimensionador da prática e ação de todos os profissionais que atuam na escola, a partir das ações levantadas e discutidas pelo seu coletivo. Segundo Rocha

O Conselho de Classe pode constituir para os professores uma oportunidade de ter uma influência real no processo de tomada de decisão e a possibilidade de conduzir ou de influir em mudanças nas relações e procedimentos no interior da escola. (ROCHA, 1986, p. 11)

Ou seja, os profissionais da escola e até mesmo o aluno deixam de ser meros executores e passam a ser membros ativos nesse processo.

Nesse sentido todos têm um importante papel, tendo em vista que este será o momento de avaliar o processo de ensino/aprendizagem da escola como um todo,

sugerindo e apontando ações para superar os problemas e garantir a efetiva aprendizagem por parte do aluno. Rocha, aponta ainda que

A repercussão das decisões tomadas no Conselho de Classe ao nível da ação será indicador de sua atuação ao nível da política escolar. Esta situação poderá refletir-se na maior ou menor motivação para a participação dos diferentes elementos no transcorrer das reuniões do Conselho de Classe. (ROCHA, 1986, p.11)

Isso significa que as discussões e ações previstas no Conselho de Classe devem ser colocadas em prática pelos seus agentes responsáveis, caso contrário a discussão por si só sem a efetivação do que foi proposto pode desmotivar e desmobilizar o grupo, levando o Conselho de Classe a se caracterizar como mais uma reunião burocrática que deve ser cumprida por estar contemplada no calendário escolar.

2.1.2 O Conselho de Classe e uma outra perspectiva

Cruz, (1995), apresenta-nos a forma como o Conselho de Classe vem sendo estruturado em algumas escolas que ousaram mudar e reformular esses momentos.

Essa nova forma de estruturar o Conselho de Classe começa por uma autoavaliação de todos os professores durante o bimestre. Nesse sentido,

Pedir que os alunos se avaliem, reflitam sobre suas falhas, sobre sua atuação é fácil; o difícil é a gente mesmo fazer isso sobre nossa própria atuação. Para exercitar essa difícil prática é que o Conselho começa com a autocritica dos professores. (Cruz, 1995, p.119)

Essa prática de autoavaliação docente de modo geral acontece muito pouco no interior das escolas e é algo que pode contribuir muito para uma tomada de posição por parte do professor, levando-o a analisar e refletir sobre a sua prática e de que forma ela contribui para a aprendizagem ou não do aluno. Entretanto, este processo deve ser conduzido pela equipe pedagógica da escola que previamente construirá com o coletivo da escola, de forma fundamentada em concepções teórico metodológicas coerentes com opções do grupo, parâmetros para tal autoavaliação.

Para Cruz (1995), a autoavaliação mostra para o próprio professor como ele colocou em prática as linhas de ação comuns propostas no bimestre anterior, em

que ele avançou, que dificuldades teve durante o bimestre, que inovações na metodologia ou avaliação conseguiu por em prática, a que causas atribui o sucesso ou a falha nas tentativas que fez, e o que na sua visão pode ser feito para melhorar a sua prática pedagógica.

No entanto, a equipe responsável por promover esse processo de autoavaliação deve deixar claro para todos que o objetivo desse processo é o crescimento profissional e a melhoria do processo educativo e não o de expor a incapacidade ou dificuldade dos profissionais da escola.

A segunda etapa do Conselho de Classe é caracterizada pela análise diagnóstica das turmas. Nesse momento, entretanto, deve-se superar as análises superficiais e fragmentadas que acontece em muitos Conselhos de Classe.

Muitas vezes não se relacionam os problemas com a forma de atuação dos professores. Não se analisam as influências das relações interpessoais no processo de construção do conhecimento, nem com a metodologia empregada, nem com a pertinência e significância dos conteúdos como causas possíveis dos problemas. Abordam-se apenas problemas e com isso o Conselho perde sua característica fundamental que é ser diagnóstico. Sem ser diagnose, fica mais difícil apontar as necessidades que geram as ações internacionais, metódicas e graduais para a transformação da realidade apresentada. (CRUZ, 1995, p.122-123)

Nessa análise da turma deve-se levar em consideração como realmente está sendo o processo de ensino/aprendizagem e as causas ou hipóteses da aprendizagem não estar ocorrendo de forma satisfatória para que se possam propor ou buscar ações concretas que visem superar os problemas e produzir as modificações almejadas.

Dessa forma é a partir da autoavaliação docente e da análise diagnóstica da turma que o coletivo da escola deve refletir e buscar formas para superar os problemas diagnosticados. Segundo Cruz (1995, p. 125), “essa etapa tenta garantir que o Conselho não se torne um ato isolado, mas um processo em que a ação educativa da escola esteja concatenada de forma científica e metódica.” Ou seja, essa construção conjunta do grupo deve superar o senso comum e buscar de forma fundamentada, executar ações concretas e que realmente atinjam o foco dos problemas elencados.

Outro, importante momento do Conselho de Classe é a análise dos casos mais significativos de cada turma.

Não se trata de verificar que notas/conceitos os alunos obtiveram. Mas de tentar ver o aluno como um todo, vendo além das notas/conceitos. Muitas vezes se analisam os conceitos dos alunos como forma de perceber as relações de causalidade que possam existir entre os problemas que apresentam e o rendimento que conseguem ter.” (CRUZ, 1995, p. 125)

Assim, os alunos que apresentaram maiores dificuldades de compreensão dos conteúdos ou de relacionamento durante o bimestre são analisados com um maior tempo e cuidado, objetivando encontrar as causas e o porque das atitudes dos alunos e o por que de sua aprendizagem não ocorrer de acordo com o esperado.

Nesse sentido para se poder ajudar o aluno na escola é necessário percebê-lo em sua totalidade, como um sujeito formado a partir do contexto cultural, social e econômico em que ele vive. Para Cruz,

(...) falar de um aluno isolado do contexto que o produz e é por ele produzido, pode nos levar a juízos falsos, a diagnósticos errados. E o contexto do aluno não é só a situação afetivo-emocional em que vive na família, mas também as relações com os professores, com a turma, com o grupo de amigos na escola. (CRUZ, 1995, p. 126)

Só analisando o aluno na sua totalidade é possível levantar ações que possam ser colocadas em prática para levá-lo a superar as suas dificuldades e a avançar no processo de ensino/aprendizagem e na melhoria da sua relação com os demais, tornando-o, portanto, um sujeito mais pleno.

Nessas escolas que têm como princípio a gestão democrática e a participação da comunidade escolar todos são ouvidos no Conselho de Classe. Cruz, (1995), denomina de Conselho Participativo ou Conselho Pleno o momento de participação dos alunos no Conselho de Classe. Ele aponta que a forma mais comum de participação dos alunos é por meio do representante de turma.

Dois alunos (ou mais) por turma participam da primeira etapa do Conselho de Classe, onde apresentam as reivindicações da turma em relação aos professores. Em geral esse trabalho de preparação é feito com a Orientação Educacional, sendo os alunos porta vozes dos colegas. (CRUZ, 1995, p.130).

No entanto, Cruz (1995) discorre que esta não é a forma mais eficiente de promover a participação dos alunos.

A participação de alunos representantes no Conselho, muito difundida entre nós, não teve força suficiente de promover as transformações necessárias nem aumentar a participação efetiva do aluno no processo pedagógico (...) (CRUZ, 1995, p.131)

Numa perspectiva mais participativa todos os alunos da turma sentam e dialogam com seus professores, esse momento é chamado por Cruz de Conselho Participativo. A outra etapa do Conselho se realiza só com os professores para uma reflexão mais profunda e autocrítica da ação pedagógica é chamado de Conselho de Classe.

Segundo Cruz (1995), o Conselho Participativo não é aceito facilmente pelos professores, pois nele os alunos apontam as falhas dos professores, surgem críticas e reivindicações e isso incomoda os professores, “fomos educados apenas para julgar os outros. O movimento contrário pode abalar nosso poder. Muitos se sentem agredidos pela fala do aluno” diz Cruz (1995, p. 131).

Nesses Conselhos Participativos os alunos são solicitados a colocar suas críticas e questionamentos (elogios, incentivos, sugestões, etc), sobre o trabalho dos professores. Isso pode ser feito por escrito ou oralmente. No entanto, como já mencionado anteriormente é importante destacar que se tratando de ensino fundamental, face às questões etárias, os alunos ficam expostos e não conseguem uma participação real. Haja vista que muitos professores não estão preparados para ouvir críticas e refletir sobre elas, nesse sentido, os conselhos prévios dos alunos para organizar junto com os pedagogos suas reivindicações, dificuldades, são uma alternativa para as escolas aonde uma nova concepção de avaliação, participação e uma nova forma de ver o processo de ensino-aprendizagem está se iniciando.

Na rede Municipal de Ensino de Piraquara, região metropolitana de Curitiba, além do Pré- Conselho com o professor que engloba a autoavaliação docente, a análise diagnóstica da turma e a análise dos casos relevante que acontece com o professor durante a hora-atividade e o Conselho Participativo com os alunos e professor em sala de aula, acontece também o Conselho Participativo com os Pais.

Neste momento os pais são chamados até a escola para uma reunião pedagógica na qual eles autoavaliam a sua participação na vida escolar do filho, avaliam a aprendizagem do mesmo e avaliam o trabalho dos profissionais da escola (direção, coordenação pedagógica, professores, merendeira, auxiliares de serviços gerais e secretária).

A partir das críticas, sugestões e questionamentos dos pais a equipe diretiva discute com os professores e demais funcionários no Conselho de Classe Geral as

ações que devem ser colocadas em prática para solucionar os problemas mencionados e quais os agentes responsáveis por essas ações.

Dessa forma o Conselho de Classe se configura como um momento de avaliação e autoavaliação de todos os envolvidos no processo educativo e um momento de tomada de decisão coletiva tendo em vista a melhoria do processo de ensino/aprendizagem. Para Dalben,

O que se busca, quando se discute a transformação da escola, é um novo posicionamento diante do conhecimento produzido no decorrer dos processos de avaliação de modo a ajudar o aluno a aprender mais e o professor a ensinar mais. Busca-se um novo espaço escolar, com novas relações estabelecidas entre gestores, professores, alunos e comunidade em geral, que favoreçam um processo de formação coletiva, construído com base na interação e no diálogo entre os sujeitos e o conhecimento da própria dinâmica escolar. (DALBEN, 2004, P.70)

Assim, numa perspectiva mais progressista, espera-se realmente que o Conselho de Classe sirva como um mecanismo de discussão e reflexão sobre a prática, de forma que esta seja revista por todos os envolvidos no processo pedagógico tendo como objetivo principal a democratização do ensino.

CAPÍTULO III

3.1 PESQUISA DE CAMPO

3.1.1.1 Objetivo da pesquisa

3.1.1.2 Objetivo Geral

A presente pesquisa teve por objetivo, analisar e refletir sobre como acontece o Conselho de Classe em uma escola estadual no município de Piraquara e de que forma este interfere no processo de ensino/aprendizagem e no processo de avaliação dos alunos.

3.1.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar o que professores, pedagogos e diretores pensam sobre o Conselho de Classe.
- Identificar e analisar como acontece o Conselho de Classe em uma escola da rede estadual de ensino de Piraquara.
- Analisar as concepções que embasam a prática de Conselho de Classe na instituição/sistema pesquisado.
- Destacar os elementos constitutivos do papel do Conselho de Classe nas instituições de ensino.

3. 1.3. Metodologia da Pesquisa

3.1.3.1. Procedimentos da Pesquisa

Para a realização deste estudo foi desenvolvida uma pesquisa de caráter qualitativo, usando o estudo de caso como procedimento de investigação. As

contribuições de Lüdke e André (1996) indicam que um estudo qualitativo se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada. Estas autoras afirmam que o estudo de caso, quando é qualitativo, visa a descoberta, enfatiza a interpretação em contexto, busca retratar a realidade de forma completa e profunda, usa uma variedade de fontes de informação, procura representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social e seu relato utiliza uma linguagem e uma forma mais acessíveis do que outros relatórios de pesquisa.

3.1.3.2 Instrumentos de coleta de dados

Para o estudo de caso foi utilizado como fonte a aplicação dos seguintes instrumentos: análise documental da normatização sobre Conselho de Classe na instituição de ensino pesquisada; visita a uma escola estadual do Município de Piraquara na qual foi entregue uma carta de apresentação explicando a pesquisa para a direção, professores e alunos colaboradores no presente estudo (apêndice A); observações de momentos de Conselho de Classe, entrevista com questões semi-estruturadas com o diretor e pedagogo (apêndice B), questionário para os professores (apêndice C) e entrevista com caráter de grupo focal para os alunos (apêndice D).

Na análise dos dados obtidos pela pesquisa buscou-se a visão de totalidade, entendida como um todo estruturado no qual um fato pode ser racionalmente compreendido, a partir de sua multidimensionalidade.

Tendo em vista a questão ética, todo o material foi coletado com o consentimento dos sujeitos envolvidos (apêndice E) e a composição final da pesquisa pretende ser fidedigna com o que foi explicitado pelos sujeitos respondentes de forma a apontar evidências positivas e negativas do que se aprendeu a partir da pesquisa realizada.

3.2 CONTEXTO PEDAGÓGICO: O CENÁRIO E OS COLABORADORES DO ESTUDO

O presente estudo foi realizado em uma escola estadual, localizada no município de Piraquara, região metropolitana de Curitiba. Como forma de preservar a identidade dos agentes envolvidos na pesquisa o nome da escola e das pessoas envolvidas não serão mencionados.

A escolha dessa escola para a realização desse estudo aconteceu devido à abertura do espaço escolar que a equipe de direção e de coordenação pedagógica habitualmente dão aos pesquisadores, disponibilizando para estes todo o material solicitado e instigando os professores e alunos a participarem das entrevistas ou preenchendo os questionários solicitados.

A Escola Estadual investigada atende aproximadamente 1620 alunos, de 5ª a 8ª séries e Ensino Médio, durante os turnos da manhã, tarde e noite. A equipe Pedagógica é composta por cinco profissionais, sendo que três trabalham no turno da manhã, uma à tarde e uma à noite. As pedagogas da manhã relatam a necessidade de mais duas Pedagogas no período da tarde. A equipe de direção é composta por três pessoas, um Diretor e dois Vice-Diretores que atuam se revezando nos três turnos. A escola é composta por 56 turmas.

3.2.1 Apresentação e análise dos dados

O presente tópico objetiva apresentar e discutir os dados coletados durante a realização da pesquisa tendo em vista identificar e analisar como acontece o Conselho de Classe em uma escola estadual localizada no município de Piraquara, bem como analisar a concepção de ensino/aprendizagem e avaliação explicitada nesses momentos de Conselhos de Classe.

3.2.2 Conselho de Classe: a realidade de um estudo de caso

Devido ao tempo destinado à pesquisa, os dados coletados e analisados nessa Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio, referem-se exclusivamente aos sujeitos e elementos presentes no turno da manhã desse estabelecimento de ensino. A princípio foram entregues quinze questionários para os professores,

pedagogos e equipe de direção da escola estadual dos quais doze foram devolvidos. A equipe pedagógica disponibilizou atas dos Conselhos de Classe do corrente ano e os instrumentos do Pré-Conselho (questionário que é preenchido pelos representantes de turma em reunião com os demais alunos da turma e questionários preenchidos pelos professores). Foi realizado um grupo focal (técnica de avaliação que oferece informações qualitativas sendo que o mediador guia grupos, numa discussão que tem por objetivo revelar experiências, sentimentos, percepções, preferências) com os alunos representantes de turma que falaram sobre como acontece o Conselho de Classe e quais os aspectos positivos e negativos desses momentos.

De acordo com o Artigo 26 do Regimento Escolar da Escola

O Conselho de Classe é um órgão de natureza consultiva e deliberativa em assuntos didático-pedagógicos, com atuação restrita a cada classe do estabelecimento de ensino, tendo por objetivo avaliar o processo de ensino-aprendizagem na relação professor-aluno e os procedimentos adequados em cada caso. (Regimento Escolar)

Ele acontece uma vez por bimestre ou sempre que um fato relevante assim exigir. No ano de 2008 foi encontrado no livro ata do Conselho de Classe um registro de ata do Conselho de Classe extraordinário do 1º EME (primeiro ano do Ensino Médio, turma E) com os professores da turma e atas dos Conselhos ordinários que acontecem bimestralmente.

Apesar do Regimento Escolar não estabelecer a realização de um Pré-Conselho com professores e alunos esses momentos começaram a ser realizados na escola no ano de 2008, segundo alguns professores eles acontecem da seguinte forma:

Antes do Conselho nós, professores, preenchemos uma ficha por turma avaliando o bimestre: se conseguimos atingir os objetivos propostos, o desempenho da turma, alunos que apresentaram dificuldade, indisciplina; e sugerimos encaminhamentos a serem feitos com a turma, ou com determinados alunos. No Conselho de Classe a equipe pedagógica encaminha as discussões e reflexões pertinentes ao grupo. (Professora de Língua Portuguesa)

É feito um pré-conselho com os professores através de um questionário que suscita a priori uma reflexão do professor sobre sua prática. Também é feito um pré-conselho com os alunos, orientado por um funcionário, com objetivo de avaliar o aprendizado, a atuação dos profissionais da escola e suas funções, bem como a turma em si. (Professora de Língua Portuguesa)

Apesar de uma professora colocar que o Pré-Conselho com os alunos é orientado por um funcionário isso não acontece, segundo os alunos representantes de turma, um membro da equipe pedagógica os reúne e entrega-lhes o instrumento do pré-conselho (modelos em anexos). Os alunos representantes de turma negociam então com algum professor um tempo da aula para conversarem, refletirem e preencherem esse instrumento juntos. De modo geral os alunos relatam que os professores não interferem nesse momento, mas se queixam da falta de colaboração de alguns colegas que os ignoram ou que não participam ativamente das discussões e de alguns professores que não liberam a aula para que a turma discuta os problemas que ocorreram no bimestre.

Com relação à ficha de Pré-Conselho do 3º bimestre a ser preenchida pelos professores pode se observar que alguns destes não fizeram um grande esforço para preenche-la, principalmente os itens 3 e 4 que questionavam respectivamente “quais atitudes tomou diante das dificuldades de aprendizagem e/ou falta de interesses dos alunos?” e “que encaminhamentos individuais e ou coletivos sugere para o enfrentamento de problemas observados?”

Ao se ler a ata do Conselho de Classe do 3º bimestre observa-se, entretanto, que essas questões não foram retomadas ou rediscutidas. Os encaminhamentos sugeridos que aparecem na ata do Conselho de Classe do 3º bimestre são recomendações para os alunos da 7ª série, estudo da possibilidade de mudar essa mesma turma de sala com uma turma que tenha menos alunos, pois “a sala lotada é fator prejudicial e os grupos não podem trabalhar” (Ata do Conselho de Classe, 3º bimestre), encaminhar alguns alunos para o Conselho Tutelar, reunir os professores da 7ª MC novamente para rever outros encaminhamentos (vale destacar, entretanto, que na ata desse Conselho não foi registrado nenhum encaminhamento para essa turma e nem ficou marcada uma nova data para essa reunião) e retomar o papel dos representantes de turma, mas não define quem será o responsável por essa ou pelas outras ações. Em nenhum momento são mencionados nessa ata aspectos relacionados à mudança na prática pedagógica dos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem.

Quando questionados por esta pesquisa sobre o que a equipe diretiva e equipe pedagógica levam em consideração para organizar o Conselho de Classe os professores elencaram a frequência (dos alunos e professores), rendimento dos alunos, aprendizado, as ações dos professores (planejamento e metodologia),

questões relativas a escola como um todo, indisciplina, as dificuldades que surgem no decorrer do bimestre (apontadas tanto pelos professores, como pelos alunos), conceitos das turmas, conceitos individuais dos alunos, notas e formação familiar denominado por um dos professores como “currículo familiar”, ou seja, no Conselho de Classe em alguns casos é discutido também o histórico da família do aluno.

Uma das pedagogas da escola relata que a pauta é centrada nos tópicos do pré-conselho. Já um dos membros da equipe de direção diz:

Os professores entregam dados. À equipe pedagógica elabora um gráfico demonstrativo (notas acima da média, abaixo da média e faltas), conversa-se com os professores no geral e após entra-se nas particularidades.

Com relação ao que é discutido no Conselho de Classe a equipe de direção e equipe pedagógica relataram a importância da aprendizagem, a organização dos principais conteúdos a serem trabalhados, para depois serem avaliados e os critérios de avaliação; os problemas apontados pelos docentes e discentes e soluções para essas situações; faltas dos alunos e encaminhamentos para o Conselho Tutelar; as situações do cotidiano, prática escolar, qualidade de ensino; enfim, toda a situação da escola com a apresentação de dados, resultados, etc.

Na visão dos professores os principais objetivos do Conselho de Classe são discutir os problemas de aprendizagem e de disciplina, sugerir medidas para os problemas discutidos, passar alunos de ano, refletir sobre as situações apresentadas e buscar encaminhamentos para sanar as dificuldades e melhorar o trabalho pedagógico. Uma das professoras de Matemática diz ainda que um dos objetivos do Conselho de Classe é:

Enxergar e compreender como acontece o processo de ensino/aprendizagem. Os problemas e a realidade de nossos alunos e as possibilidades de interação, auxílio e por vezes resgate de alunos com maiores dificuldades.

Segundo os professores, a equipe de Direção e equipe pedagógica a partir do Conselho de Classe são promovidas ações como acompanhamento dos alunos, revisão de conceitos e metodologias, reuniões com pais e alunos, conversas separadas com alunos citados no Conselho e com os seus pais, encaminhamento para atendimento especializado (Sala de Recursos), encaminhamento para o

Conselho Tutelar (casos de faltas e/ou outros), no entanto, como já foi mencionado anteriormente alguns desses encaminhamentos não aparecem registrados em ata, talvez devido à dinâmica de registro ser muito mais lenta do que a fala e a discussão.

Quando foi solicitada aos professores uma avaliação do atual modelo de Conselho de Classe do qual eles participam foi relatado:

Há muitas falhas, o que não deveria ocorrer, pois não se tem uma cobrança do professor, quanto a rever seu planejamento e metodologia e nem do aluno, quanto ao seu papel na escola. (Professora de Língua Portuguesa e Inglês)

Acredito que o modelo é bom, só precisa ser aprimorado. Deve iniciar pelas posições e atitudes tomadas no Conselho anterior com tempo e com todo o grupo de professores. Acho também que devem ser estabelecidos critérios internos para o Conselho final. (Professora de Geografia)

Há falhas, os problemas e dificuldades são levantados e discutidos, porém, muitas vezes não conseguimos apontar encaminhamentos coletivos para a resolução dos mesmos. (Professora de Língua Portuguesa)

A equipe pedagógica e equipe de direção por sua vez avaliam os momentos de Conselho de Classe de modo diferente dos professores percebendo muito mais os seus aspectos positivos.

É o mais eficaz, porque trabalha com o todo para chegar no específico. (Diretor)

É o que está preenchendo a nossa expectativa (reformulamos sempre o modelo). (Pedagoga)

Foi excelente, agora no 3º bimestre, pudemos verificar a comparação dos 3 bimestres, o que conseguimos melhorar, o que falta para esse melhorar. (Vice-diretor)

Não existe um modelo ideal, mas estamos evoluindo. No conselho contamos com a participação dos alunos e focamos a totalidade da escola. (Vice-diretor)

De modo geral o maior problema apontado pelos professores com relação ao Conselho de Classe é a falta de tempo para reflexão e discussão, como aponta esta docente.

Os professores sentem necessidade de uma discussão maior sobre cada turma, e não é possível.

Nem sempre é possível reunir todos os professores no Conselho de Classe, Alguns professores participam do Conselho sem ter notas e faltas fechadas; algumas turmas são feitas as pressas por falta de tempo. (Profª de Geografia)

Nesse sentido uma grande contradição analisada na presente pesquisa refere-se à falta de tempo, apontada pelos professores e alunos, para a realização dos Conselhos de Classe, pois nessa escola em apenas uma manhã (aproximadamente quatro horas) são realizados os Conselhos de Classe de 24 turmas, todas juntas, sendo quatro 5^{as} séries, quatro 6^{as} séries, três 7^{as} séries, três 8^{as} séries e cinco 1^{os} anos, três 2^{os} anos e dois 3^{os} anos. Ou seja, essa instituição tem aproximadamente 10 minutos para analisar, refletir e discutir os problemas de cada turma, bem como, para elencar as ações e encaminhamentos para superação desses problemas.

O Artigo 26, parágrafo Único do Regimento Escolar dessa escola estadual, entretanto, é claro ao destacar que “haverá tantos Conselhos de Classe quantas forem as turmas do estabelecimento de ensino”. Porém, o Calendário Escolar do ano letivo de 2008 homologado pelo Núcleo de Educação (em anexo), contempla um único dia por bimestre para a realização do Conselho de Classe. Um dos argumentos utilizados para que o Conselho de Classe aconteça num único dia refere-se ao fato dos alunos serem prejudicados, tendo em vista que eles são dispensados nesse dia. Para Dalben,

Os calendários escolares prendem-se quase que exclusivamente aos horários das aulas. Não consideram os espaços livres necessários para a escola – nem para os alunos, nem para os professores -, donde se conclui que a escola, no seu funcionamento, só conta com seus professores como profissionais de sala de aula, já que seu tempo de trabalho pago limita-se a esse espaço. (DALBEN, 2004, p. 51)

Numa análise mais profunda pode se concluir que caso não haja uma mudança significativa na reorganização do espaço-tempo do Conselho de Classe o aluno estará perdendo de qualquer forma, pois se a escola não conseguir promover um espaço de reflexão e discussão com qualidade a tão almejada mudança na prática educativa pode não acontecer de fato e os problemas levantados no Conselho de Classe continuarão a se reproduzir. Para uma das alunas representante de turma o fato do Conselho de Classe de todas as turmas do período da manhã ser junto prejudica a participação dos professores e torna esse momento improdutivo.

No Conselho do 3^o bimestre foi apresentado um gráfico com relação às notas e discutimos sobre o comportamento dos alunos e dos professores. Ficaram na questão do 1^o ano, discutiram, discutiram sobre o 1^o ano e não resolveram nada. A gente do 3^o ano ficou ouvindo

e esperando, os professores do 3º ano foram todos embora. No final ficou só três professores. O conselho é tudo junto, antigamente não era assim, era por sala. Tem professor que diz que não participa de conselho de classe por causa disso.

Outras professoras relatam também:

O Conselho deveria acontecer em dois momentos, um para o ensino fundamental e outro para o Ensino Médio, pois tudo em um dia, não dá tempo para discutir tudo o que sentimos necessidade. (Professora de Língua Portuguesa)

Gostaria que pudéssemos ter mais tempo para o Conselho de Classe, pois temos que realizá-lo em apenas um período. (Professora de Matemática)

O Conselho é bom, contudo o tempo dedicado a ele é muito curto. As reuniões deveriam ser divididas em duas etapas bem definidas: o Conselho Geral com todos os professores, equipe pedagógica e direção, e em outro momento com os professores e a equipe para analisar casos isolados. Isso ocorre muito rapidamente. (Profª de Matemática)

Como se pode perceber pelo relato dos professores eles já fazem apontamentos de possíveis encaminhamentos para tentar superar esse problema como, por exemplo, dividir o Conselho de Classe em dois momentos, sendo um momento para discutir as questões pertinentes ao Ensino Fundamental e outro ao Ensino Médio.

A equipe de direção e equipe pedagógica também faz apontamentos sobre alguns problemas que precisam ser superados como a falta de formação para professores e funcionários, falta de comprometimento com a qualidade de ensino por parte de pais, alunos, professores e funcionários e falta de autonomia para as escolas, uma das pedagogas coloca como problema no Conselho de Classe a não pontualidade do professor na entrega dos canhotos com as notas dos alunos, formulários e fichas de encaminhamentos para a coordenação resolver os casos mencionados. Essa preocupação com o fechamento das notas e freqüência antes do Conselho de Classe e demais questões burocráticas também são mencionadas pelos discentes e alunos como um problema.

De acordo com Jussara Hoffman (2000, p. 26), “as notas e as provas funcionam como redes de segurança em termos de controle exercido pelos professores sobre os alunos, das escolas e dos pais sobre os professores, sobre o sistema sobre suas escolas”. Nesse sentido percebe-se que é mais fácil para a equipe de direção e coordenação pedagógica cobrar do professor a pontualidade no fechamento da nota devido ao seu caráter mais objetivo do que cobrar do professor um relato consistente e verídico sobre a real situação de aprendizagem do aluno,

mesmo porque muitas vezes o professor trabalha numa condição sub-humana dando aula para dez, quinze turmas diferentes, sendo algumas turmas com mais de quarenta alunos, e às vezes até ministrando aulas de disciplinas diferentes o que muitas vezes não possibilita ao professor conhecer em profundidade seus alunos. De acordo com Garcia,

O resultado da prova pouco dirá ao professor ou professora sobre o processo de aprendizagem de cada aluno; sobre as dificuldades que cada um enfrenta e do que sabe além do perguntado na prova; de sua capacidade de fazer sínteses, de comparar, de criticar, de criar; e, o que é mais importante, o que do que foi ensinado e aprendido contribui para que cada um dos alunos e alunas melhor compreendesse a sociedade em que vive, a natureza da qual é parte e a si próprio enquanto ser da natureza e da cultura. (GARCIA, 2003, p.42).

Nessa perspectiva super valorizar a nota no Conselho de Classe, fazendo gráficos para apresentar aos professores e/ou destinar uma parte significativa desse momento para isso sem discutir o que está por trás da não aprendizagem do aluno ou o que está por trás da desmotivação, falta de interesse e indisciplina do aluno é perder o foco do Conselho de Classe e da verdadeira função da escola que nada mais é do que a democratização do acesso ao conhecimento historicamente produzido pela humanidade.

Os alunos representantes de turmas por sua vez quando questionados sobre o que é o Conselho de Classe demonstram uma idéia limitada sobre o mesmo dizendo que ele “é a reunião onde professores e representantes analisam o rendimento escolar da turma”. Por meio desse relato percebe-se que para eles o Conselho está muito mais relacionado às notas do que ao processo de ensino/aprendizagem.

Com relação a essa questão da nota e da forma de avaliação da escola alguns alunos deixam transparecer uma grande indignação com a postura e prática de alguns professores, outros alunos argumentam que se o aluno tira nota baixa é por culpa dele próprio.

Tem professora que xinga todo mundo. Ela grita. Tem professor que se atrapalha na aula e dá nota baixa para todo mundo. Tem professora que chama a tia do corredor para resolver problema de comportamento. A equipe pedagógica deixa algumas questões de lado. Elas só ouvem o professor. (Representante de turma da 5ª série)

Minha turma não está nem ai, tem aluno que xinga o professor por que tira nota baixa, ele não pára para pensar que a nota baixa é culpa dele.

Mas geralmente a nota baixa é consequência do aluno. No método de avaliação do colégio só não passa quem não quer passar. Você tem uma somatória onde tem que ter 6 pontos, você tem recuperação e trabalhos que somam 6, a nota que você tirar na prova é lucro. (Representante de turma do 3º ano)

Através da fala desses alunos pode-se perceber que estes tem internalizado a concepção de que todos podem ser bons, todos podem tirar boas notas, pois pelo seu entendimento isto depende do esforço individual de cada um.

Assim a nota obtida pelo aluno na sua prova o classifica e rotula entre os demais, se ele tira uma boa nota recebe um rótulo positivo e passa a ser tratado com certo *status* dentro da sala, da escola e até na família, caso contrário, se ele tira uma nota ruim é tratado por todos como um fracassado, é relegado a um estudante com uma mente inferior e que levará as marcas deste fracasso escolar para toda sua vida.

Nessas falas é possível identificar também que existem professores que estão perdendo completamente o controle da sala de aula, seus alunos já não o respeitam mais, e eles sem saber o que fazer, agredindo-os também ou relegando a um outro funcionário o dever de controlar a turma. Esse é um fato importantíssimo que deveria obrigatoriamente ser analisado e discutido no Conselho de Classe com todos os profissionais da escola, pois os professores mais experientes, que não tenham esse problema, poderiam relatar como agem ou que postura têm diante da turma para garantir o respeito de todos, a coordenação pedagógica poderia levar textos que falem sobre o assunto e que aponte alternativas para a superação do problema, enfim, todos poderiam contribuir para a busca de alternativas para superar esse problema que prejudica muito o processo de ensino/aprendizagem.

Outro problema grave do Conselho de Classe explicitado pelos alunos representantes de turma que participam desse momento é a falta de objetividade nas pautas do conselho e o desvio de foco nesse momento, ou seja, os professores e equipe pedagógica ficam muito tempo discutindo como é uma determinada turma na questão comportamental e atitudinal, não dando tempo de discutir os encaminhamentos que devem ser colocados em prática para superar o problema, dessa forma o processo de ensino/aprendizagem é relegado ao segundo plano. Uma das representantes de turma fez o seguinte desabafo no grupo focal quando questionada sobre como superar os problemas que existem no Conselho de Classe.

Com esse conselho de classe não tem como chegar a solução nenhuma, por que um fala uma coisa, outro fala outra... e não chega a lugar nenhum. (Fala de uma dos representantes de turma do 3º ano)

Outra aluna complementa

Eu vejo o conselho como se fosse um desabafo dos professores, para falarem mal dos alunos e tentarem resolver uma coisa que eles não resolvem, daí acaba ficando a mesma coisa. (Fala de uma dos representantes de turma do 2º ano)

Alguns professores compartilham das colocações apresentadas pelas representantes de turma, de acordo com uma das professoras que trabalha nessa escola

Há o "eterno" problema da falta de compromisso de alguns professores, que usam o Conselho de Classe como um momento de catarse, com queixas excessivas aos alunos, outros faltam ou se omitem. (Professora de Língua Portuguesa)

Nessa perspectiva, o Conselho torna-se infrutífero, pois alguns professores o vêem simplesmente como um momento de desabafo das situações que eles vivenciam no cotidiano escolar, entretanto, nada é feito para melhorar a realidade posta por esses profissionais. O Conselho de Classe que acontece nessa perspectiva é totalmente destituído de cientificidade. A discussão acontece sem nenhum referencial teórico e isso impossibilita o desenvolvimento do senso crítico e reflexivo dos profissionais envolvidos nesse processo. Dessa forma muitos profissionais ao invés de lutar contra essa prática acaba sendo absorvido por ela e acaba por reproduzi-la.

Apesar dessa instituição contar com representantes de turma críticos e atuantes, muitos deles ainda não participam das reuniões do Conselho de Classe apesar de saberem que podem e devem participar desses momentos. Dentre os motivos da não participação um dos alunos relata o fato de não saber o dia do Conselho, argumento frágil que é descaracterizado por outros representantes que argumentam que não há como não saber quando ele acontece tendo em vista que os alunos são dispensados nesse dia.

Outras justificativas que alguns representantes dão é o fato de no dia da reunião do Conselho não ter transporte escolar para levar o representante até a escola e um outro argumento menos consciente é o fato do aluno representante também querer ficar em casa e não ir para o colégio como os demais, de acordo

com um representante “é injusto eu vir participar da reunião, enquanto meus colegas ficam em casa descansando”.

Quando questionados sobre o que pode ser feito para melhorar o Conselho de Classe na escola os professores dão as seguintes sugestões

Fazer 5 conselhos ao ano (o 4º seria uma espécie de Pré-Conselho final) para que não houvesse tanta incoerência quanto aos critérios de aprovação e reprovação;
Todo o grupo presente com notas e faltas fechadas;
Mesma organização para os três turnos da escola; (Professora de Geografia)

O Conselho deveria ser mais voltado às turmas, analisando-se o planejamento, a metodologia, os alunos e a atuação dos profissionais da educação. Tudo interfere no processo de ensino/aprendizagem. (Professora de Língua Portuguesa)

Percebe-se pelo relato de uma das professoras uma certa consciência de que o Conselho de Classe é muito mais do que só falar em nota ou preocupar-se com questões burocráticas. Ela demonstra a clareza de que a metodologia do professor, o seu planejamento ou a sua atuação em sala com o aluno pode estar ocasionando a não aprendizagem do mesmo.

Nessa perspectiva cabe ao coordenador pedagógico e à equipe de direção trazer à tona no Conselho de Classe essas questões. Segundo Guerra,

A interação do coordenador pedagógico com os professores durante o conselho de classe é uma ação construída em conjunto, busca por transformar práticas, negociando ações e todo o resultado deve ser claramente observado na ação e na transformação do outro. (GUERRA, 2006, p. 10)

Dessa forma para superar o corporativismo e chamar o professor para sua responsabilidade que é a de garantir um eficiente processo de ensino/aprendizagem a equipe pedagógica e equipe de direção não podem se eximir da sua função que é ajudar e buscar garantir as condições objetivas para que o professor coloque em prática as ações construídas no Conselho de Classe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do presente estudo pode-se identificar que o Conselho de Classe apesar de ser apontado por diferentes autores como um dos principais momentos de análise e reflexão da prática pedagógica não está acontecendo de forma a contribuir com o repensar do processo de ensino-aprendizagem e da avaliação no interior da escola.

Percebe-se que falta ainda clareza sobre como organizar um Conselho de Classe com pauta clara, objetiva que garanta como foco as discussões pertinentes ao processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, alunos e professores relatam que esses momentos tornam-se infrutíferos, pois conforme diz Lewis Carrol “quando não se sabe aonde se quer chegar, qualquer caminho serve!”. Isso acontece quando a equipe diretiva (pedagogos e diretores) não tem internalizado uma concepção de ensino, homem e mundo, que esteja de acordo com as necessidades e anseios da classe trabalhadora, que tanto precisa da escola pública.

Isso pode ser identificado quando nas reuniões de Conselho de Classe os professores culpabilizam o aluno pelo seu fracasso escolar: “Ele não se interessa pelas aulas”, “Vive no mundo da lua”, ou então, quando defendem que a situação sócio-econômica em que o aluno vive determina a sua aprendizagem. “Só vem para a escola para comer o lanche”, “Coitadinho, vive numa situação tão miserável que não tem nem cabeça para aprender”. Ou quando o Conselho de Classe é utilizado apenas para apresentar planilhas de notas ou para apresentar aos professores os diagnósticos dos problemas que aconteceram no bimestre como indisciplina, desinteresse dos alunos, gazetas de aula, entre outros, sem dar tempo para discutir coletivamente ações concretas para solucionar os problemas que interferem na aprendizagem.

Com relação à participação dos diferentes atores que compõem o cenário educacional pode se dizer que existe uma pré-disposição de algumas escolas em promover a participação dos diversos segmentos nos Conselhos de Classe, sendo que essa participação muitas vezes acontece nos pré-conselhos ou mesmo na reunião de Conselho de Classe Geral.

Essa participação, no entanto, por vezes pode ser comprometida pela falta de maturidade ou preparo para ouvir o que o outro tem a dizer e refletir sobre

isso, é o que acontece, por exemplo, quando o pedagogo ou o diretor não aceita ou não compreende a crítica de pais, alunos ou professores, ou quando os professores não aceitam e/ou desqualificam as críticas dos pais, alunos e equipe diretiva.

Através dos relatos de professores e de alunos pode se perceber também que o fracasso escolar faz parte do cotidiano da instituição pesquisada, no entanto, essa problemática da não aprendizagem parece não escandalizar ou indignar os profissionais desse espaço, que seguem com seu trabalho normalmente sem aproveitar o Conselho de Classe para discutir e buscar ações conjuntas para solução do problema.

Nesse sentido o Conselho de Classe, se bem encaminhado pode configurar-se na escola como um importante momento de análise, reflexão e busca de alternativas para superação dos problemas que existem no seu interior, para isso é necessário que a equipe diretiva da escola tenha sempre em mente qual é a função social da educação escolar e a serviço de quem ela esta. É necessário também que se tenha em mente a sociedade que se deseja construir, traçando os caminhos pelos quais será possível concretizá-la, e dentro desses caminhos, determinar que papel terá a escola, consideradas as suas limitações, mas também as possibilidades de intervenção dentro e por meio dela. No entanto, se o Conselho de Classe numa outra perspectiva se configurará unicamente em mais um mero fazer burocrático.

Para finalizar tais considerações é importante destacar os limitadores que impossibilitaram uma análise mais profunda sobre as questões inerentes ao processo de ensino-aprendizagem: a dificuldade de se encontrar autores e obras que falem da relação entre Conselho de Classe e o processo de ensino-aprendizagem e o tempo disponibilizado para a realização de um trabalho de especialização, tendo em vista que tal aprofundamento demandaria um maior suporte teórico no campo da psicologia, o que exigiria mais tempo de estudo nessa área. Assim, fica para uma próxima pesquisa o desafio de continuar o debate e estudo em tal temática.

Referências Bibliográficas

ANDRÉ, Marli. **Avaliação da escola e avaliação na escola.** In: Cadernos de Pesquisa. Ago, 1990.

ANDRÉ, Marli E. D. A. e LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986

CRUZ, Carlos Henrique Carrilho. **Conselho de Classe e participação.** Revista da Educação. AEC. Ano 24. Nº 94. Jan-mar. 1995. P.111 -136.

DALBEN, Angela Imaculada Loureiro de Freitas. **Conselho de Classe e avaliação.** 3ª Ed. São Paulo: Papiru, 2004.

GARCIA, Regina Leite. **Avaliação e suas implicações no fracasso/sucesso.** In: ESTEBAN, Maria Teresa (org). Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos. 4ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GUERRA, Mônica Galante Gorini, **Conselho de classe: que espaço é esse?** São Paulo: s.n., 2006. **Dissertação** (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** 14 Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade.** Porto Alegre: Mediação, 2000.

ROCHA, Any Dutra Coelho da. **Conselho de Classe: burocratização ou participação?** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

APÊNDICE A
CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA DIREÇÃO, PROFESSORES E ALUNOS

Prezado (a) Senhor (a)

Venho através desta apresentar-me, sou Joselita Romualdo da Silva, Pedagoga, formada pela Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, e aluna da Pós-Graduação, Especialização em Organização do Trabalho Pedagógico na Universidade Federal do Paraná. Estou realizando uma pesquisa denominada “GESTÃO DEMOCRÁTICA DA ESCOLA PÚBLICA: O CONSELHO DE CLASSE E A CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO E ENSINO/APRENDIZAGEM”.

Assim, gostaria de lhe pedir a especial gentileza de preencher o questionário, em anexo, bem como o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, necessário à divulgação dos resultados deste trabalho.

Saliento a importância de sua participação e firmo desde já o compromisso com a confidencialidade das informações prestadas.

Certa de sua compreensão e ajuda, agradeço antecipadamente pelo pronto atendimento a este pedido. Coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento adicional que eventualmente se fizer necessário.

Atenciosamente,

Joselita Romualdo da Silva

Fone: (41) 3673 – 7868

(41) 8816 - 2942

E-MAIL: joselitar@hotmail.com.br

APÊNDICE B

ROTEIRO PARA A ENTREVISTA COM DIRETORES E PEDAGOGOS

Entrevista n.º ____ Data da realização: ____ / ____ / 08. Local: _____

I. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1. Qual a sua formação acadêmica? _____
2. Há quantos anos atua no magistério? _____
3. Há quanto tempo atua nessa instituição? _____

II. DADOS ESPECÍFICOS SOBRE A PESQUISA:

1. O que a equipe diretiva leva em consideração para organizar o momento do Conselho de Classe (objetivos, demandas consideradas, como é montada a pauta, quem participa da construção da pauta)?

2. Como acontece o Conselho de Classe nessa instituição?

3. O que é discutido no Conselho de Classe?

4. Quem participa desse momento? De que forma participa?

5. Com que frequência ele acontece?

6. Qual o seu principal objetivo?

7. Que ações são desenvolvidas a partir do Conselho de Classe?

8. Qual a sua avaliação sobre o atual modelo de Conselho de Classe realizado por essa escola?

9. Há problemas? Como superá-los?

APÊNDICE C

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

- 1) Qual sua formação acadêmica? _____
- 2) Qual disciplina leciona? _____
- 3) Há quanto tempo trabalha nessa instituição? _____

DADOS ESPECÍFICOS SOBRE A PESQUISA:

1. Você sabe o que a equipe diretiva leva em consideração para organizar o momento do Conselho de Classe na sua Escola/colégio?

2. Como acontece o Conselho de Classe nessa instituição?

3. O que é discutido no Conselho de Classe?

4. Quem participa desse momento? De que forma participa?

5. Com que frequência ele acontece?

6. Qual o seu principal objetivo?

7. Que ações são desenvolvidas a partir do Conselho de Classe?

8. Qual a sua avaliação sobre o atual modelo de Conselho de Classe realizado por essa escola?

9. Há problemas? Como superá-los?

10. Que sugestões você daria para melhorar o Conselho de Classe de sua Escola/colégio.

APÊNDICE D

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS ALUNOS

I. IDENTIFICAÇÃO:

Série:..... Turma:..... Idade:

Há quanto tempo você estuda nesta escola?.....

II. DADOS ESPECÍFICOS SOBRE A PESQUISA:

1) Você sabe o que é o Conselho de Classe?

2) Você sabe quando ele acontece e por quê?

3) Os alunos participam desse momento? Se sim, de que forma?

4) O que você imagina que é discutido no Conselho de Classe?

5) A equipe de direção, os pedagogos, os professores ou alguma outra pessoa da escola/colégio conversam com os alunos sobre o que é discutido no Conselho de Classe?

APÊNDICE E

TERMO DE ESCLARECIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “GESTÃO DEMOCRÁTICA DA ESCOLA PÚBLICA: O CONSELHO DE CLASSE E A CONCEPÇÃO DE ENSINO/APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO”.

O objetivo desta pesquisa é analisar e refletir sobre como está estruturado o Conselho de Classe na Rede Municipal e Estadual de Ensino de Piraquara e de que forma este interfere no processo de ensino-aprendizagem e no processo de avaliação dos alunos.

O procedimento adotado para a coleta será o questionário, em anexo.

DESCONFORTO E RISCO

Você não será submetido a risco, desconforto ou constrangimento durante a coleta de dados.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO

Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Seu nome ou material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO E RESSARCIMENTO

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

OBSERVAÇÃO:

Após a leitura deste termo de consentimento livre e esclarecido e caso concorde com as informações acima, por favor, assine a declaração abaixo, destaque-a e a entregue ao pesquisador.

..... recorte aqui

DECLARAÇÃO DO (A) PARTICIPANTE

Eu, _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar. A pesquisadora Joselita Romualdo da Silva certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais.

Assim, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome

Assinatura do participante

Data

Joselita Romualdo da Silva